

A EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA E A INFLUÊNCIA DOS MODELOS DE UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS.

Denise Cristina Costenaro Marchesoni¹

Marceli Vituri Marques²

RESUMO: No trabalho refletem-se as influências dos modelos de universidades estrangeiras para a Educação Superior Brasileira. O texto está apoiado em um pequeno momento de caracterização que descreve o distintivo e as particularidades do modelo francês, alemão e americano e evidenciam quais destas características influenciaram no tripé: ensino, pesquisa e extensão, que direcionam a Universidade Brasileira. A metodologia utilizada foi à análise documental.

Palavras-chave: Educação, Educação superior, modelos de universidades estrangeiras.

SUMMARY: The work reflected the influence of models of foreign universities for the Brazilian Higher Education. The text is supported by a small moment of characterization that describes the distinctive features of the model and the French, and German and American show which of these characteristics influence the tripod: teaching, research and extension, which direct the Brazilian University. The methodology used was documentary analysis.

Keywords: Education, Higher Education, models of foreign universities.

A evolução do sistema educativo superior brasileiro, em sua evolução, tem sido influenciada, ao longo dos anos, por modelos de universidades estrangeiras que, por sua vez,

¹ Mestranda em Educação - Especialista em Educação Física Escolar (FEFISA, 1996); graduada em Educação Física (FEFISA, 1983);

Pedagogia (UNIABC, 2001) / E-mail: denisedrop@hotmail.com

² Mestranda em Educação - Especialista em Docência no Ensino Superior (UNICID, 2008); Administração Hospitalar (UNAERP, 2006), graduada em Enfermagem e Obstetrícia (Centro Universitário São Camilo, 2000) / e-mail: marcelivm@ibest.com.br

assumem diferentes características ao longo da história de acordo com a época e as circunstâncias.

O objetivo foi à reflexão de universidade em seu modelo fundador e quais funções e papéis seriam atribuídos, a ela ou dela esperados, e analisar e considerar as características remetidas à universidade brasileira.

O valimento às situações mundiais baseia-se em interpretações avaliativas de dados, estruturas e questões onde, por meios de argumentos, são extraídas as medidas que são relevantes para as práticas educativas no âmbito nacional. Observar aquilo que funciona em outro país torna-se um atrativo para os decisores políticos para alterar ou substituir o funcionamento de um sistema que requer soluções rápidas e sem dificuldades.

Para BARROSO (2006, p. 46) com base em SCHRIEWER e STEINER-KHAMSI, o recurso sistemático a referências internacionais, “às lições que vem de fora”, tem como principal função suprir a insuficiência ou deficiência dos exemplos nacionais (tradições, crenças, formas de organização). Já para BUARQUE (2000, p. 53), ao se referir a Darcy Ribeiro, escreve que elites intelectuais começaram a ter consciência do caráter autoperpetuador de seu atraso em relação a outras nações, onde as responsabilidades sociais da Universidade começaram a reclamar por um grau de modernização.

A Universidade Brasileira é determinada pela associação entre ensino (processo de construção do saber) e pesquisa (processos de objetivação ou materialização desses conhecimentos), provenientes do modelo alemão e a extensão (intervenção sobre a realidade) procedente do modelo de universidade norte-americana.

O modelo francês, também conhecido como napoleônico, influenciou significativamente a concepção e a estrutura do ensino superior do Brasil, uma vez que as primeiras faculdades isoladas foram criadas por D. João VI em 1808, com o objetivo de formar as pessoas para o domínio técnico e profissional como maneira de romper o subdesenvolvimento.

Enquanto o modelo francês é mantido e dirigido pelo Estado o alemão enfatiza a formação geral, científica e humanista, com enfoque na totalidade e na universalidade o que o torna mais independente dos poderes políticos. É na Universidade de Berlim, que este modelo edifica e avigora a pesquisa com prioridade à busca de novos conhecimentos e abando ao ensino repetitivo. Foi com esta proposta que, a relação autoritária e vertical do professor para

com o aluno é minimizada. O aluno passa a exercer um novo papel na construção do conhecimento e o processo de pesquisa.

As características do sistema norte eram voltadas para alguns indicadores como: a diversidade (condições para a formação acadêmico-técnico, profissionalizante, programas de graduação e pós-graduação priorizando a pesquisa), o pragmatismo (relação universidade-empresa), a pesquisa, a democratização, a integração com o grau anterior e a tradição familiar.

Esse novo modelo alemão chega ao Brasil em âmbito nacional, no texto da Lei Nº 5.540/68. Os avanços percebidos no processo ensino e aprendizagem advinda do modelo alemão são contidos ou desestimulados com a Lei Nº 5.540/68 que situa e orienta a pesquisa na pós-graduação, deixando a cargo da graduação a formação profissionalizante. As diretrizes da Lei Nº 5.540/68, referentes ao ensino superior vigoraram até 1996, quando então foi substituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96.

As universidades do presente e do futuro tendem a se transformar expressivamente, e devem agregar as missões tradicionais às inovadoras.

Para CALDERÓN (2007; p. 30), os empresários da educação superior e os responsáveis pela gestão educacional devem compreender que, se por um lado, no âmbito da graduação dificilmente se faz pesquisa científica, por outro, os caminhos da pesquisa científica a serem percorridos, e a forma como devem ser trilhados, estão profundamente atrelados ao ensino. As discussões e debates acerca da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão são inúmeros, crescentes e abordam diferentes aspectos.

As características essenciais postuladas e defendidas, até hoje, concedem a universidade caráter próprio, não se alteram em sua essência. Eles se adaptam aos problemas sociais, políticos e econômicos que o país enfrenta. São postulados de modo que viabilizem as funções de ensino, pesquisa e extensão.

Para BUARQUE (op. cit., p.161) “nenhuma instituição sobrevive muito tempo, se não for capaz de reformar-se, adaptar-se a cada instante às exigências do momento, mantendo-se fiel ao seu papel permanente”. E mais: “o desafio da universidade é situar-se, portanto no contexto da sociedade brasileira, colaborando na criação de um pensamento capaz de ajudar na construção de uma idéia de nação que conquiste sua soberania, que organize sua sociedade de forma eficiente e que caminhe para uma integração de uma crescente igualdade entre seus habitantes”, (op. cit., p.92).

Referências:

- AFONSO AJ. **Avaliação Educacional**: regulação e emancipação. São Paulo: Cortez, 2000;
- BARROSO J. **A regulação das políticas pública de educação**, Universidade de Lisboa: Educa, 2006;
- BUARQUE C. **A aventura da Universidade**. 2^a ed., São Paulo: UNESP, 2000;
- CALDERÓN AJ, PESSANHA JAO, SOARES VLPC. **Educação Superior: Construindo a extensão universitária nas IES particulares**. São Paulo: Xamã, 2007;
- FELIX GT. Reconfiguração dos modelos de universidade pelos formatos de avaliação: efeitos no Brasil e Portugal. Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2008;
- PEREIRA EMA. A universidade da modernidade nos tempos atuais. Revista da Educação Superior. Vol. 14, n.1 Sorocaba, Março 2009;
- PIMENTA SG, ANASTASIOU LGC. **Docência no ensino superior**. 2^aed. São Paulo: Cortez, 2002;
- ROSSATO R. **Universidade: nove séculos de história**. 1^aed. Passo Fundo: EDIUPF: 1998;
- WANDERLEY LEW. O Que é Universidade? São Paulo: Brasiliense, 2003.